PROJETO Mulheres na Ciência Política

ABCP
Associação Brasileira
de Ciência Política

PROJETO Mulheres na Ciência Política

Coordenação: Carla Almeida, Cristina Buarque de Hollanda, Flávia Biroli, Luciana Tatagiba, Vanessa Elias de Oliveira

Comissão executiva: Carla Almeida, Cristina Buarque de Hollanda

Revisão e finalização: Bianca Florencio

Programação visual: Bruno Maggioni, Contágio Criação

Uma realização da Associação Brasileira de Ciência Política, sob a gestão (2018-2020) de Flávia Biroli (presidente), Fernando Guarnieri (secretário executivo), Luciana Tatagiba (secretária executiva adjunta), Ednaldo Ribeiro, Fabiano Engelmann, Luciana Ballestrin, Maria Dolores Lima da Silva, Mariana Batista, Monique Menezes, Ricardo Fabrino Mendonça, Rogério Arantes, Vanessa Elias de Oliveira.

ABCP
Associação Brasileira de Ciência Política

ENTREVISTAS

1. **Argelina Figueiredo (UERJ)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ)
2. **Céli Pinto (UFRGS)**, por Luciana Ballestrin (UFPel)
3. **Celina Souza (UNIRIO)**, por Maria Abreu (UFRJ)
4. **Cristina Carvalho Pacheco (UEPB)**, por Lizandra Serafim (UFPB)
5. **Denise Paiva (UFG)**, por Fabiana da Cunha Saddi (UFG)
6. **Eliane Superti (UNIFAP)**, por Camila Maria Risso Sales (UFLA)
7. **Evelina Dagnino (UNICAMP)**, por Flávia Cristina Regilio Rossi (Unicamp)
8. **Gabriela Tarouco (UFPE)**, por Monique Menezes (UFPI)
9. **Lígia Helena Hahn Lüchmann (UFSC)**, por Carla Ayres (Pesquisadora Independente)
10. **Lindijane de Souza Bento Almeida (UFRN)**, por Olívia Cristina Perez (UFPI)
11. **Lourdes Sola (USP)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ)
12. **Luciana Aliaga (UFPB)**, por Lizandra Serafim (UFPB)
13. **Maria Hermínia Tavares de Almeida (USP)**, por Vanessa Elias de Oliveira (UFABC)
14. **Maria Luzia Álvares (UFPA)**, por Maria Dolores L. da Silva (UFPA)
15. **Maria Regina Soares de Lima (UERJ)**, por Letícia Pinheiro (UERJ) e Carlos Milani (UERJ)
16. **Maria Teresa Miceli Kerbauy (UNESP)**, por Carla Ayres (Pesquisadora Independente)
17. **Maria Teresa Sadek (USP)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ) e Glenda Mezarobba (Pesquisadora Independente)
18. **Maria Victoria de Mesquita Benevides (USP)**, por San Romanelli Assumpção (UERJ) e Glenda Mezarobba (Pesquisadora Independente)
19. **Maria de Fátima Junho Anastasia (UFMG)**, por Helga do Nascimento de Almeida (UNIVASF)
20. **Maria do Socorro Sousa Braga (UFSCar)**, por Carla Ayres (Pesquisadora Independente)
21. **Marilde Loiola de Menezes (UnB)**, por Danusa Marques (UnB)
22. **Marlise Matos (UFMG)**, por Breno Cypriano (UFMG)
23. **Marta Arretche (USP)**, por Luciana Martins (UFES)
24. **Mônica Mata Machado de Castro (UFMG)**, por Claudia Feres (UFMG)
25. **Monique Menezes (UFPI)**, por Camila Maria Risso Sales (UFLA)
26. **Nírvia Ravena (UFPA)**, por Maria Dolores L. da Silva (UFPA)
27. **Rachel Meneguello (UNICAMP)**, por Luciana Tatagiba (Unicamp)
28. **Raquel Kritsch (UEL)**, por Carla Almeida (UEM)
29. **Sônia Draibe (UNICAMP)**, por Vanessa Elias de Oliveira (UFABC)
30. **Vera Chaia (PUC-SP)**, por Natasha Bachini (UERJ)

O PROJETO

A Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) tem um compromisso histórico com a compreensão e o aprimoramento da Ciência Política no Brasil. É neste sentido que, no momento atual, se volta para as relações de gênero e analisa as diferentes formas como essas relações estruturam os contornos do nosso campo disciplinar e o exercício da profissão. Nosso objetivo com esse projeto é duplo. Por um lado, buscamos dar continuidade a esforços das diretorias que nos precederam no sentido de resgatar nossa memória institucional. Por outro lado, queremos evidenciar a contribuição das mulheres na construção dos alicerces de nossa disciplina, algo nem sempre devidamente considerado.

O Projeto Mulheres na Ciência Política se iniciou em 2018. Uma de suas frentes, desenvolvida ao longo de 2019, foi a realização de entrevistas com mulheres que atuam na área. São mulheres de diferentes gerações e regiões do país, cujas trajetórias denotam forte compromisso com a construção e consolidação da Ciência Política, por meio das atividades de pesquisa, de ensino e do desempenho de funções administrativas em diferentes âmbitos.

Ao todo, foram 30 entrevistas, que agora tornamos públicas. Contamos com o trabalho e apoio qualificado de 23 entrevistadoras, também da área de Ciência Política, com afinidades teóricas e, em muitos casos, parcerias e proximidade afetiva com as entrevistadas. A todas elas, entrevistadas e entrevistadoras, agradecemos por terem aceitado fazer parte desse projeto, por sua seriedade, compromisso e afabilidade em todo o processo. Nos encontros que resultaram nas entrevistas aqui reunidas, a produção do conhecimento e a afetividade estiveram entrelaçadas. Para nossa Diretoria, essa dimensão do projeto foi algo muito valioso, visto encarnar nossa aposta em uma forma de produção do conhecimento que seja ao mesmo tempo rigorosa e solidária, onde o cuidado de si e o cuidado do outro não sejam contrapostos à produção intelectual, mas seu ingrediente ineludível.

Vemos essas entrevistas como um momento inicial dos esforços da ABCP para reconhecer a relevância das cientistas mulheres e melhor entender quem são, suas trajetórias e se, e como, o fato de serem mulheres toca seu desenvolvimento acadêmico e profissional. Esperamos que outros esforços se somem a esses e mais trajetórias possam ser conhecidas.

Para além da visibilidade, nosso objetivo é contribuir para a reflexão sobre relações de poder no próprio campo. As entrevistas, assim como o livro Mulheres, poder e Ciência Política, organizado pelas coordenadoras do projeto e que será publicado pela Editora da Unicamp no ano de 2020, oferecem diferentes tipos de dados e experiências narradas que permitem identificar vieses e problemas que merecem nossa atenção.

Iniciamos esta breve apresentação mencionando o compromisso da ABCP com a compreensão e aprimoramento da Ciência Política no Brasil. Gostaríamos de finalizar o texto ressaltando que nosso entendimento é que isso envolve a construção de relações mais igualitárias e democráticas, dentro e fora da academia e da disciplina. Há muitos desafios para a produção do conhecimento e, também, para a reinvenção das relações de gênero, de modo que violência, assédio e a reprodução de práticas formais e informais que significam desvantagens para as mulheres sejam superadas.

Flávia Biroli (presidente Abcp)

Fernando Guarnieri (secretário executivo)

Luciana Tatagiba (secretaria adjunta)

Diretoria ABCP 2018-2020

NOTA DA COMISSÃO EXECUTIVA

O Projeto Mulheres na Ciência Política traz a público trajetórias profissionais femininas que marcaram a constituição e a expansão desse campo disciplinar no Brasil. Ao longo dos anos de 2018 e 2019, ele promoveu a entrevista de 30 cientistas políticas brasileiras de diferentes gerações, regiões e instituições. Temos clareza de que se trata de um conjunto muito reduzido de profissionais de uma área cujos esforços de estabelecimento e expansão foram significativamente femininos. Com intenção apenas exploratória – que poderá ser ampliada e aprimorada no futuro – o projeto contemplou mulheres que iniciaram sua formação em fins dos anos 60 e 70 e empreenderam as primeiras ações de institucionalização da Ciência Política no país, mulheres que participaram ativamente do processo de consolidação da Ciência Política nas décadas seguintes e, por fim, mulheres que atuaram na expansão experimentada pela área no Brasil, notadamente nos anos 2000, com a criação de novos programas de graduação e pós-graduação pelo território nacional.

Nessa empreitada, contamos com uma equipe de 23 colegas entrevistadoras que tinham ou tiveram alguma relação prévia com as entrevistadas, seja de orientação, vida profissional em comum, e/ ou afinidade e admiração intelectual. A elas agradecemos a generosa disponibilidade e também o entusiasmo com que acolheram o projeto. A partir de um roteiro semiestruturado proposto pelas organizadoras deste projeto após debate amplo, as entrevistadoras atuaram com liberdade e acrescentaram suas próprias questões às entrevistadas, ao sabor do próprio curso das entrevistas e também de suas cumplicidades com as entrevistadas. O material farto que resultou desse empreendimento coletivo tem traços comuns que permitem estabelecer comparações entre as entrevistas, mas tem também marcas das interações muito particulares entre entrevistadas e entrevistadoras. Na organização do material, além de pequenos textos livres de auto-apresentação das entrevistadas, incluímos também trechos em que as entrevistadoras comentam sua experiência de entrevista e, assim, dividem com o leitor elementos para que possam compreender seu contexto de interação.

Evidentemente, as entrevistas não esgotaram a pluralidade das trajetórias das mulheres partícipes da construção e expansão da área no país e deixaram de fora centenas delas. Entretanto, a preocupação em contemplar diferentes gerações, regiões e filiações institucionais gerou um corpus discursivo multifacetado, rico e suscetível a diferentes perguntas de pesquisa e interpelações analíticas. A expectativa é de que esse material inspire outras iniciativas que ampliem nosso conhecimento sobre a Ciência Política, a presença das mulheres e outros marcadores de desigualdade que fizeram e fazem parte da construção desse campo disciplinar no país.

Carla Almeida

Cristina Buarque de Hollanda

Comissão Executiva do Projeto Mulheres na Ciência Política

Nota introdutória

CARLA AYRES

Mais uma vez, gostaria de agradecer às coordenadoras do projeto "Mulheres na Ciência Política", da ABCP, pela oportunidade de contribuir com essa pesquisa e dizer que esta experiência foi bastante enriquecedora.

A Professora Maria do Socorro Braga foi minha segunda entrevistada para o projeto. Nosso bate-papo aconteceu no início de dezembro, por meio de chamada de áudio via Skype. Após já ter realizado uma transcrição para o projeto e a entrevista da Professora Maria Teresa Kerbauy, pude observar que a familiaridade com as questões, ao longo do exercício de entrevistar, me permitiu, já neste momento, realizar interconexões entre as respostas das entrevistadas anteriormente e fazer questionamentos extras para melhor extrair informações das entrevistadas, ou seja, "captar" de modo mais sensível questões na própria fala de cada uma que nos levou a outras indagações.

Sem dúvida, a leitura desta entrevista deixará evidentes os rumos peculiares que nossa conversa tomou ao deixar claro, em vários momentos, o paralelo bastante estreito entre as trajetórias individuais e privadas dela, com suas escolhas e percursos acadêmicos e intelectuais.

Auto-apresentação

MARIA DO SOCORRO SOUSA BRAGA

Possuo doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado pelo Centro Latino-americano da Universidade de Oxford (LAC). Sou professora associada da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Desde 2017, atuo como editora da subseção de Política da Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS). Concentro minhas pesquisas nas áreas de Partidos Políticos e Eleições, Recrutamento Político, Governos e Qualidade da Democracia na América Latina. Coordeno o Núcleo de Estudo dos Partidos Políticos Latino-americanos (NEPPLA) da UFSCar e o Grupo de Trabalho Eleições e Representação Política (2017-2020) da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP). Publiquei vários artigos em revistas internacionais e nacionais e os livros *O Processo Partidário-Eleitoral Brasileiro: Padrões de Competição Política 1982-2002*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2006; e *Eleitores e Representação Partidária no Brasil.* São Paulo. Humanitas/CNPq, 2007, em parceria com Maria D'Alva Kinzo.

Entrevista

Carla Ayres: *Maria do Socorro, gostaria de começar nossa entrevista pedindo a você que descrevesse a sua trajetória profissional, desde a graduação até hoje, da forma que queira apresentar.*

Maria do Socorro Sousa Braga: Comecei a graduação em Ciências Sociais na UFF [Universidade Federal Fluminense], em Niterói, por volta de 1989. Me lembro bem daquela agitação em torno das primeiras eleições presidenciais da atual quadra democrática. Terminando a graduação, em 1992, fui para a USP [Universidade de São Paulo] fazer a pós-graduação. Lá, comecei o mestrado – em 1994, 1995 –, depois fiz o doutorado e uma parte do meu *pós-doc*, a outra parte fiz no *Latin America Center* [LAC], em Oxford, com Timothy Power, isso mais tarde, já em 2009. Terminei o doutorado em 2001 e em 2002 comecei uma pós com a D'Alva Kinzo e fiquei até 2005. Em 2006, prestei concurso aqui para a UFSCar [Universidade Federal de São Carlos] – entrei no primeiro concurso que fiz – e continuo na UFSCar dando aula, fazendo pesquisa... Durante essa minha formação, ainda na graduação, trabalhei com a professora Maria Celina D'Araujo, tive uma bolsa de iniciação científica, na pesquisa sobre os partidos em nível estadual. A preocupação voltava-se para buscar as origens da formação do subsistema do Rio de Janeiro. Foi a partir dessa experiência, bem como da participação na campanha eleitoral presidencial de 1989, que comecei a me interessar por esse objeto de estudo, os partidos políticos, tanto que o escolhi para estudar, para virar o grande tema que era entender o sistema de representação política no país.

CA: *Você é do Rio e veio para São Paulo fazer o mestrado?*

MSSB: Exato. Na verdade, em termos de naturalidade, nasci na Paraíba e quando tinha seis anos fui para o Rio de Janeiro. Comecei a estudar no Rio, fiz até a graduação, e depois vim para São Paulo. Fiz a pós-graduação aqui em São Paulo e agora estou em São Carlos.

CA: *Em que ano terminou o mestrado e começou o doutorado?*

MSSB: Fiz tudo certinho: em 1992 terminei a graduação, em 1994 comecei o mestrado e em 1998 comecei o doutorado. De 2004 em diante, foi o pós-doutorado.

CA: *Você emendou tudo e só depois começou a dar aula, ou deu aula neste período?*

MSSB: Durante o *pós-doc*, dei aula com a minha orientadora, a saudosa D'Alva Kinzo. Havia algumas disciplinas em que cada uma dava metade do curso, especialmente as optativas. Fiz isso como professora auxiliar, professora assistente. No *pós-doc*, ela queria sempre que desenvolvêssemos uma parte como docente e uma parte como pesquisadora. Aprendi muito, foi muito bom, porque tive toda essa aprendizagem de sala de aula – que foi interessante – e, ao mesmo tempo, continuávamos com as pesquisas que já estávamos desenvolvendo ao longo da pós-graduação. A D'Alva Kinzo sempre teve grupo de pesquisa. Aprendi muito com essa experiência de grupo de pesquisa com ela, isso ajudava muito nas orientações, nas discussões de textos teóricos, e mesmo na escolha dos temas ligados à temática clássica dos partidos e sistemas partidários em pesquisas posteriores. Foi esse trabalho na pós-graduação que me incentivou muito a continuar os estudos sobre partidos e eleições. Outro forte incentivo viria da relativa estabilidade do sistema de representação brasileiro, que cada vez mais indicava sinais de sua efetividade. O Brasil, aos poucos,

ao longo do processo de redemocratização, foi se constituindo em um excelente laboratório de pesquisas sobre o comportamento político.

CA: *Ela te orientou no mestrado e no doutorado?*

MSSB: Exato. Ela começou me orientando no mestrado, depois no doutorado e na metade do *pós-doc*. Ela e o Fernando Limongi, na verdade, e os dois têm muita influência sobre mim. A coorientação do Limongi foi interessante: até metade da minha tese, a minha visão era um pouco parecida com a de parte dos nossos estudiosos de partido, que enfatizava muito o subdesenvolvimento partidário, a dificuldade de se ter partidos aqui, aquela coisa toda. Quando o Limongi volta do seu doutoramento, em Chicago, para assumir a docência na USP, traz muitos conhecimentos teóricos e metodológicos mostrando justamente a capacidade que os partidos possuíam, no Brasil, de serem partidos, obviamente, com especificidades, com diferenças, mas eram organizações que tinham funções primordiais para o sistema funcionar. A partir dessas aulas e de suas orientações, acabei mudando muito o foco da minha pesquisa, inclusive agregando dados e pesquisas quantitativos muito em função dessa influência que acabava de chegar por meio dos cursos dele, não só teóricos, mas também metodológicos. É muito importante enfatizar isso porque, até então, estávamos em uma formação mais qualitativa da discussão, éramos mais influenciados pelos estudiosos europeus. Com certeza, o Limongi foi um pioneiro na USP, pelo menos no departamento de Ciência Política, para trazer novos conhecimentos metodológicos para desenvolver pesquisas mais quantitativas, e seu olhar mais institucionalista, teoria dos jogos e escolha racional, do objeto em tela. Os dois marcaram muito a minha formação na USP em relação ao meu objeto de estudo em especial. Claro que há vários outros que colaboraram como a Maria Celina D'Araujo, a Maria Antonieta Leopoldi, ambas na graduação, que acabaram trabalhando sempre em grupo de estudos – tínhamos muitos debates já na graduação. A minha formação foi muito influenciada por esse trabalho coletivo e trabalhos individuais.

CA: *Essa era uma das perguntas que iria te fazer, sobre as principais influências no seu trabalho. Mas, na hora em que você estava falando sobre a sua trajetória de formação, me ocorreu uma curiosidade: o que te levou a fazer Ciências Sociais?*

MSSB: Interessante essa pergunta. De fato, tenho, pelo menos, dois vetores que me estimularam. Hoje, quando tentei me preparar para responder o que esperava que fosse me perguntar, fiquei pensando um pouco nisso. Vejo que tem um lado ideológico, do ponto de vista do meu envolvimento político-partidário, e outras questões da vida; e um lado pragmático. O lado ideológico, político-partidário – não diria exatamente de uma militante, porque nunca fui filiada a partido –, pensando sempre em, de alguma forma, influenciar e contribuir para a melhoria de várias condições sociais do país que sempre me mobilizaram muito. Sobretudo, a questão da nossa desigualdade social me mobilizou desde muito cedo, porque, no Rio, eu morava no Alto da Gávea, um bairro da classe média alta localizado ao lado da comunidade da Rocinha. Quando abria a minha janela, ou estava na varanda, à minha frente estava a comunidade. A partir dali, comecei a participar e a me envolver no movimento social. Cresci querendo entender como o nosso estado, mesmo o Brasil, aceitava aquelas diferenças tão gritantes entre as pessoas, fora todos os assassinatos que encontrava na rua diariamente, às vezes até com mais frequência. Esse contexto me chamava muito a atenção. Como podíamos viver com tanta desigualdade social? Para mim, foi algo muito forte, me influenciou muito. Quis fazer Ciências Sociais para saber e para entender essa realidade tão contrastante desse país. Portanto, tem esse lado: me instrumentalizar de conhecimentos e que eu fosse capaz de interferir, de alguma forma, naquela realidade, entendê-la e interferir para tentar mudar. Naquela época, já pensava que era via instituições partidárias, de alguma forma. E também

havia uma coisa meio de adolescente, ainda, de intervir mesmo na realidade. Me lembro que cheguei a ser professora, com 15 anos, de artes nessa comunidade. Fizemos uma vaquinha, eu e vários outros colegas, compramos vários materiais como tintas e pincéis e dávamos aula de artes para vários setores, principalmente adolescentes e crianças. Fiquei uns três anos nisso. Por meio desta atividade, fazíamos várias discussões, rodas de conversas de acordo com vários temas que iam surgindo. Nós falamos sobre roda de conversas hoje em dia e eu já fazia isso lá há muito tempo. Tem esse lado meu, que é algo que está em construção o tempo inteiro, de envolvimento social com a realidade do país e o outro lado pragmático mesmo. Sempre pensei que não queria ficar dependendo dos meus pais por muito tempo, queria uma independência financeira e, até certa época da vida, vivia muito dependente dos meus pais. E também via que não queria trabalhos, como vou dizer, apenas manuais para ganhar dinheiro. Queria algo que juntasse essa minha sede de entender mais a realidade à minha vontade de obter recursos para viver a minha independência financeira. Esse é o lado pragmático da história de escolher Ciências Sociais. Fiz magistério e não tinha uma formação muito boa para conseguir pontuação e entrar em uma universidade pública – e queria estudar na pública. O que fiz: escolhi aquele curso que possuía uma pontuação mais de acordo com o magistério, que era Humanas. Fiz Ciências Sociais relacionando as duas coisas. Podia ter escolhido Pedagogia, era uma das opções, mas vi que, do ponto de vista do que queria, do ponto de vista político, era mais para Ciência Política já. Nunca tive dúvida que era Ciência Política. Claro, tive uma professora que, de certa forma, me influenciou no ensino médio, que era uma professora de Sociologia. Tínhamos uma matéria chamada Teoti, que era para entender um pouco como se deu a transição democrática e o que foi o regime militar, mudando um pouco o que tínhamos como Moral e Cívica, que era a matéria anterior, do regime militar. Essa professora tinha sido torturada na época do regime e a sua experiência de vida, tudo o que ela passou, a forma como reconstruiu a sua vida depois de tudo o que sofreu me impactou muito. Foi outra influência importante para eu escolher Ciências Sociais.

CA: *Como chamava a disciplina?*

MSSB: Era "T", "E", "O", "T", "I": Teoti. Agora não me lembro o que significava a sigla, mas misturava um pouco de Sociologia com Política. O primeiro governo petista tentou incluir Ciência Política e Filosofia na grade, essa professora já fazia um pouco isso no magistério para as alunas que iam ser professoras, para entenderem um pouco mais a realidade do país. Essa matéria me levou para o campo das Ciências Sociais cada vez mais. Foi uma influência importante.

CA: *Você falou que já entrou na faculdade tendo alguma nitidez de que queria Ciência Política e também, desde a graduação, de alguma forma, já se vinculou aos estudos partidários. Uma das perguntas que temos aqui é sobre você descrever suas principais áreas de interesse de pesquisa. Se elas, de alguma forma, mudaram ao longo da sua trajetória, se manteve as mesmas linhas do ponto de vista de objeto, de teoria, de metodologia...*

MSSB: Entrei na graduação de Ciências Sociais já me interessando muito pela questão dos partidos. Era um período muito politicamente construtivo, 1988, 1989, e começávamos a ter as primeiras experiências do ponto de vista da esquerda. O PT [Partido dos Trabalhadores] começava a crescer, nas capitais especialmente, e foi a eleição presidencial que marcou muito a minha vida. Eu, com 19 anos, indo para as ruas. Na verdade, minha ida para as ruas para participar de passeatas foi antes, foi em 1984, tinha 15 anos, era uma adolescente. Aquela coisa toda do movimento pelas "Diretas Já" foi me levando cada vez mais para essa parte da mobilização social. Os partidos vêm mais por influência do próprio PT, tanto que o estudo desde aquela época. Queria entender como aquele partido chegou às eleições de 1989, a história do Lula, a história dos movimentos sociais que

estavam por trás dele e do movimento estudantil. Foi meu grande incentivador para estudar os partidos. As pessoas queriam estudar o PMDB [Partido do Movimento Democrático Brasileiro] e tinha um grande debate na época de quem era a esquerda, porque o PT a estaria dividindo. Não queria estudar outro partido, no que entendo por esquerda, o PT tem muito mais a ver comigo. E não eram os PCs [Partidos Comunistas], eles estavam todos dentro do PMDB e no Rio isso era muito forte. Os PCs têm uma tradição muito mais forte no Rio do que o próprio PT. Me aguçava essa curiosidade de entendê-lo e entender os movimentos sociais que estavam por trás desse partido. Inicia, então, a minha curiosidade sobre o partido, que juntava à realidade que estava sendo construída, que era o processo de transição. Em 1988, se deu a Constituinte e o PT cresceu muito durante a Constituinte. Em 1989, teve aquela primeira eleição presidencial, que foi um marco, para mim, do ponto de vista de querer entender ainda mais e me envolver nos estudos partidários. Tanto que o meu TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] foi sobre o PT do Rio e o meu mestrado comparei o PT de São Paulo ao do Rio, já que tinha muito material do Rio. Fiz várias entrevistas com fundadores do PT carioca na graduação, pois fazia parte do que tinha que entregar para Maria Celina D'Araujo, do ponto de vista de material empírico, porque eu era a responsável. Fazia recorte e colagem de jornal e conheci boa parte da teoria sobre organização partidária e sistema partidário na graduação; tinha as entrevistas e eu fazia o banco do material de jornal impresso sobre os partidos e sobre as eleições de 1988 e 1989. Li muito, conhecia muito o contexto da atuação destes atores, especialmente do PT, e tinha meu banco individual que era tudo sobre o PT. Quando fui para o mestrado, possuía muito material, menos sobre o PT de São Paulo – possuía mais a nível nacional –, por isso vim, porque queria entender a formação do PT de São Paulo, entrevistar as lideranças daqui. Esse foi o meu mestrado. No doutorado, mudei um pouco e ampliei o meu objeto de estudo. Saí do partido enquanto organização e ampliei, também, o campo de visão, pois antes estava focado no estado e fui para o nível eleitoral. Analisei os padrões de disputas e, com isso, tive uma mudança muito grande, já que saí do material das entrevistas, que era tudo mais qualitativo, e fui para uma metodologia quantitativa, fui trabalhar com mais de cinco mil dados – trabalhei com o nível municipal, são os municípios de todo o Brasil. O Fernando Limongi foi muito importante, porque ele tanto me ajudava do ponto de vista metodológico, dando uma disciplina de metodologia quantitativa para trabalhar com tudo isso; quanto do ponto de vista teórico-institucional, em que ampliei o leque dos teóricos institucionalistas, mas me mantendo na mesma chave. Na verdade, juntei duas abordagens: comecei na graduação e no mestrado trabalhando mais com teoria da organização, focando mais nos partidos; e no doutorado ampliei para o neoinstitucionalismo, privilegiando tanto a "escolha racional", quanto o "institucionalismo histórico" e só um pouco da teoria da organização, porque não estava mais preocupada em entender o partido por dentro, ou as principais decisões de suas lideranças, estava muito mais preocupada em entender a relação entre esses vários partidos na competição partidária e o quanto isso afetava a democracia partidária no país. Houve uma aplicação deste objeto de estudo indo para o sistema partidário. Já no pós-doutoramento, voltei para os partidos, porque fui tratar da seleção de candidatos, que é uma das dimensões de quem estuda partidos, mas que, no final, tem uma relação com as disputas eleitorais. Voltei para a organização buscando entender como se dava este processo interno, até porque ficava cada vez mais interessante, já que os partidos foram se estruturando nacionalmente, tendo maior estabilidade, e foi justamente no período de 2000 a 2004, quando o PT chegou ao nível nacional no governo. Já estávamos em outro período histórico do país, no qual, de fato, havia partidos muito mais consistentes, praticamente completando 20, 25 anos. Ou seja, já era possível fazer estudos bem mais elaborados do ponto de vista, inclusive, organizacional. Já como pesquisadora e professora na UFSCar, minhas pesquisas vêm envolvendo outros temas e regiões como, por exemplo, a qualidade da democracia em países da América Latina e o desempenho dos governos de esquerda nessa região.

CA: *E além dessas influências que falou anteriormente, da Celina, da tua orientadora no doutorado e do Fernando, nessa trajetória toda, você destacaria mais alguma influência não só de autores, mas de alguma teoria? Você falou já que deu uma guinada, de teoria das organizações para uma teoria mais neoinstitucionalista, mas teria algum destaque, alguma obra que foi referência?*

MSSB: Inicialmente era Sartori. Seu livro de 1982 era dividido em duas partes: a primeira sobre partidos políticos e a segunda sobre sistemas partidários, contribuiu muito para meus estudos iniciais. Com certeza ele influenciou não só a minha geração, como também a geração anterior, ou até a primeira geração no Brasil. Desde a graduação era Sartori por um lado e o Duverger do outro, este de 1954 e o outro de 1982. No mestrado, entra o Panebianco, que é o autor referência mais atual da teoria da organização. Ele resgata esses autores, os critica, mostra as lacunas, as contribuições e tem outros avanços, colocando em outros patamares a teoria organizacional. Outros autores importantes são Richard S. Katz e Peter Mair com nova tipologia de partido, mas também com outras dimensões analíticas sobre a dinâmica dos sistemas partidários pós-queda do muro de Berlim – quando as categorias sartorianas, até então predominantes, acabaram ficando antigas, mesmo anacrônicas no contexto pós-Guerra Fria. Na teoria da escolha racional, o principal autor para os meus estudos foi o John Aldrich, que analisa o comportamento dos partidos políticos estadunidenses. Autores europeus e norte americanos influenciaram meus estudos sobre os partidos enquanto organizações políticas e sua dinâmica competitiva. Entre os estudiosos da democracia representativa, os mais influentes foram Robert Dahl e Anthony Downs. Já sobre o processo de recrutamento político dos candidatos eletivos, meus estudos foram influenciados pela dupla israelense Hahat & Hazan que, em trabalho de 2001, destrincharam as dimensões principais desse processo que acabei usando em minhas análises e também Siavelis & Morgenstern que, em livro de 2008, trouxeram outras dimensões cruciais para avaliar esse objeto na América Latina. Essas pesquisas sobre o sistema representativo brasileiro envolvendo seus atores e a dinâmica política nas diferentes arenas de competição e cooperação foram pensadas e desenvolvidas a partir de importantes contribuições de muitos estudos nacionais. Entre esses estudos chamo atenção para os livros de Maria do Carmo Campello de Souza, Antônio Lavareda e Olavo Brasil de Lima Junior, os trabalhos da Rachel Meneguello sobre o PT e os partidos no governo; os estudos da Maria D'Alva Gil Kinzo, especialmente sobre o MDB [Movimento Democrático Brasileiro] e a radiografia dos partidos brasileiros, e os estudos de Jairo Nicolau sobre o sistema partidário eleitoral e os de Fernando Limongi e Argelina Figueiredo, sobre o comportamento dos partidos no Congresso. Finalmente, nas análises sobre a qualidade das democracias latino-americanas e o impacto de governos de esquerda nesses sistemas políticos, tenho recorrido a autores como Leonardo Morlino, Larry Diamond, Guillermo O'Donnel, Steven Levitsky, Kenneth Roberts, Maxwell Cameron, Peter Smith e Juan Pablo Luna, cujas contribuições metodológicas e analíticas têm ampliado e aprofundado esse debate.

CA: *E ao longo dessa história toda você contou com apoio financeiro?*

MSSB: Sim, o tempo inteiro. Na graduação, a primeira bolsa de iniciação científica que tive foi a do CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico]. Após a bolsa de iniciação científica, fui convidada pelo Gláucio Ary Dillon Soares para fazer parte de um grande projeto temático desenvolvido no CPDOC [Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil] da FGV [Fundação Getúlio Vargas] do Rio de Janeiro. O Gláucio, junto com a minha orientadora na graduação, Maria Celina D'Araujo, estavam trabalhando em um projeto sobre a retomada do regime democrático e a transição política. Tive uma bolsa de aperfeiçoamento nesse período pela Capes [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior] com duração de um ano e seis meses, período que trabalhei com eles. Foi o Gláucio que fez a minha relação com a USP. Ele me indicou para trabalhar com a Maria Tereza Sadek, pois ela já estudava o PT. Ele falava:

"vai para a USP, você precisa ir lá para estudar o PT, porque ela já estuda". Mas, no final, vim para cá e trabalhei com a Maria D'Alva Kinzo, porque a Maria Tereza já estava naquela transição para o PSDB [Partido da Social Democracia Brasileira] e não queria saber de PT. Teve algo até interessante nessa época. Peguei uma transição, inclusive institucional, de algo que era assim: quem indica aluno para estudar em qual instituição. Era muito assim, escreviam carta de recomendação. O Gláucio achou que ainda era assim ao fim dos anos de 1990, escreveu uma carta elogiosa e marcamos a entrevista para um dia na USP com a Maria Tereza Sadek. Primeiro ela não queria me receber, depois resolveu me receber e a primeira coisa que falou foi o seguinte: "olha, essa cartinha você pode levar de volta e entregar para o seu professor, o Gláucio Soares, porque agora nós temos concurso e você está, inclusive, no primeiro ano de ter concurso de seleção. Não existe essa de fazer por entrevistas mais, se você quiser entrar aqui tem que ser pelo processo seletivo fazendo provas. Se você conseguir ser classificada consegue a vaga". Peguei a carta, agradeci pela explicação e fui embora muito sem graça. Claro, me inscrevi, não sei se foi na metade do ano, porque, na verdade, eles faziam a seleção somente no final do ano. Acabei dando aula enquanto isso, já era professora de magistério, podia dar aula em escolas no pré-escolar – foi o que fiz a graduação inteira no Rio: dava aula para a pré-escola em um período e, em outro, fazia a graduação. Aqui também o fiz por conta da prova de seleção ser só no final do ano. Comecei dando aula, aqui, em uma pré-escola superlegal, a Escola da Villa – uma escola de referência em métodos alternativos de educação pré-escolar para avaliar como a criança pensa. Fiz a seleção na USP, passei em terceiro lugar e consegui a bolsa, que era da Fapesp [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo]. A partir disso, resolvi somente estudar. Entreguei a turma no final daquele mesmo ano e passei a me dedicar somente aos estudos da pós-graduação. Já entrei, na hora da seleção, com a Maria D'Alva Kinzo, porque ela me escolheu, quis trabalhar comigo por ser PT, ou seja, já tinha orientadora e já tinha bolsa por ter passado em terceiro lugar. E no doutorado foi quase direto. Já tinha a bolsa da Fapesp no doutorado, foi mais tranquilo. Tive bolsa de *pós-doc*, bolsa também para ir a Oxford – a própria universidade tem uma modalidade de bolsa que se pode pleitear. Fui muito privilegiada nesse sentido. Aquela minha visão pragmática lá do início acabou me ajudando muito nesse campo, porque minha vida na pós foi mantida somente com esses recursos de bolsa, nada mais, e deu para fazer tudo: ter os livros, estudar, manter minha independência financeira de família. Acabou me ajudando muito a concluir meus estudos e focar na minha trajetória acadêmica. Apesar dos problemas que o sistema educacional superior ainda apresenta no Brasil, avalio que sem ele teríamos mais dificuldades de inclusão social e, consequentemente, de mobilidade entre as classes socioeconômicas.

CA: *Isso que você falou já nos leva para o segundo bloco de perguntas, que tem a ver muito com a relação da trajetória acadêmica e vida privada. Você percebe como a trajetória profissional foi, se foi, afetada pela sua vida privada? Ou o contrário, se a vida pessoal foi afetada pela vida profissional? Acho que aqui seria pensando tanto essa questão que você fala de ter que trabalhar e estudar no período de formação, e hoje em dia, também, com uma carreira mais consolidada, com filha... Você é casada, tem filha?*

MSSB: Essas questões são cada vez mais importantes, ainda mais nesse contexto, com tripla jornada de trabalho e, em muitos casos, ainda tem muitas de nós que recebem menos que os homens. As minhas escolhas foram muito influenciadas para tentar, digamos, dar conta do que é ser profissional, ser mãe, ser esposa, ter que trabalhar para dar conta da sua independência financeira e mesmo para defender seus pontos de vista. Sempre pensei que tendo a minha independência financeira não precisaria estar dentro de um contexto, o que depois de certo tempo de formação vi que não tinha muito a ver. Foi uma escolha minha, mas, claro, isso tem perdas, tem danos... Não me arrependo. Não é uma avaliação pessimista nesse sentido, pelo contrário. Vejo que foi um crescimento enorme, não me arrependo de nada! Foram essas escolhas que me levaram ao que sou hoje. Penso que jamais trocaria nada das minhas opções para chegar aonde cheguei, como cheguei

e como estou hoje, pois sou muito feliz. Mas, de fato, isso me exigiu escolhas pesadas. Por exemplo, uma delas foi não ter mais um filho, porque... Até me emocionei aqui. Mas, voltando, tive que fazer algumas opções devido às minhas escolhas profissionais e tinha algumas questões médicas para que eu pudesse ter outro filho também. Quando tive minha primeira filha, os médicos disseram que se eu quisesse ter outro filho, precisaria de mais tempo para me cuidar. Talvez tivesse que tirar uma licença quase de um ano para me cuidar e conseguir ter outro bebê. Foi uma opção mesmo não me arriscar, porque tinha um risco de vida. Hoje, só tenho uma filha e foram escolhas dadas a disputa no campo, as disputas profissionais, pois é um campo que ainda vejo muito masculino esse da Ciência Política, o que nos traz vários desafios. Desafios para disputar com os pares, com o campo... Sinto muita pressão do lado masculino para várias questões, mas do ponto de vista intelectual, sempre foi muito gratificante essa disputa e conquistar, escrever artigos e eles saírem nas revistas boas. E também tem o lado pessoal de ter que dar conta da casa e da família. Assumo que dou mais conta das questões acadêmicas e profissionais, mas vou tentando equilibrar para ficar menos ausente das questões familiares. Para isso, nas férias, a maior parte do tempo fico lidando com as questões domésticas, maternas e quando, realmente, está nesse período de trabalho, me divido muito mais, até porque sou muito cobrada e eu mesma me cobro muito para dar conta de prazos, entregar tudo o que tem que entregar e isso não é só na época das teses, mas também para entregar artigos, todas as provas que temos que corrigir, todas as atribuições que temos que dar conta... É um período que deixo mais a família e assumo mais as atividades profissionais. Tem época que não sei o que é sábado, domingo, segunda, para mim, é tudo igual, porque quero dar conta dos prazos, me cobro quanto a isso e, às vezes, até exagero. Mas, por outro lado, quando entrego tudo aquilo, tiro uma semana para fazer algo que preciso fazer. Às vezes, até ir ao médico que parei de ir, fazer uma aula de ginástica que não deu tempo de fazer e dar uma aliviada nas tensões. É um período de certo estresse e tem consequências de saúde que me afetam. Por isso, é a hora de procurar uma yoga, fazer pilates com maior intensidade e frequência. Abro mão das outras partes que compõe uma vida, porque ela não é só trabalho, precisamos para dar certo equilíbrio emocional. Mas, de fato, é uma carreira profissional bastante afetada por conta de vários fatores. É a competição, a disputa no campo, é uma profissão que requer que fiquemos o tempo inteiro nos atualizando, lendo muito. Se não consigo ler todos os periódicos do ano para saber e acompanhar as publicações dos meus temas, fico muito insatisfeita comigo mesma, pois quero, pelo menos, estar minimamente atualizada com os temas. Quando peguei a chefia do departamento como agora, porque ainda tem esse outro lado administrativo que temos que assumir também na universidade, ficou muito mais complicado ficar em dia com essas leituras. Estou dois anos atrasada nessas leituras.

CA: *Fala um pouquinho dessa relação com os cargos administrativos também.*

MSSB: Penso que foi uma experiência válida, mas tentei não assumir esses cargos o máximo que pude, porque não sou carreirista; porém, ultimamente, não teve jeito. Depois de quase doze anos aqui na UFSCar, sou chefe de departamento.

CA: *Departamento da graduação?*

MSSB: Isso. Estou desde 2017 na chefia do departamento das Ciências Sociais da UFSCar, que agrega a graduação da Política e da Antropologia e ainda tem os professores das áreas conexas: Economia e História. Somente a Sociologia resolveu criar outro departamento em 2007 e, por isso, não faz parte deste. Esse é um cargo no qual somos quase um síndico de prédio, só que, claro, com todas as atribuições de ter que dar conta dos conflitos entre os pares e, também, entre os pares e os alunos. É administrar conflito e tentar não gerar mais conflito – ao menos avalio dessa forma, tentei atuar

assim e deu certo. No início, apanhei muito, pois não tinha experiência, mas, depois, vamos trazendo o nosso conhecimento intelectual também para essa parte de como coordenar, como se colocar em termos de cargos e o que isso significa diante de uma hierarquia que tem dentro da própria universidade. Claro que isso afeta a sua parte de produção de artigos e produção acadêmica, o que foi outro estresse para mim, pois tinha que administrar a casa também, a parte pessoal. Tenho uma filha que é "adolescentona", está com vinte anos, mas parece uma menina de dezesseis, dezessete anos e é bem diferente de mim nessa idade. Eu já trabalhava e era independente financeiramente, ela já tem outra relação: embora politicamente seja superengajada, do ponto de vista financeiro não tem essa visão muito pragmática. Talvez pelo ambiente que tenha em casa, de muita conversa, muita relação com a política, ela se sinta muito bem em família. Voltando à universidade, do ponto de vista da chefia e da burocracia, me ampliou muitos horizontes, mas também me desgasta mais. Tenho que me dividir, talvez, por quatro campos: o privado, a parte da docência, a da pesquisa e agora a parte da burocracia. Nessa parte burocrática, já assumi também cargos na própria ABCP [Associação Brasileira de Ciência Política] – fui da secretaria adjunta. Na verdade, participei da diretoria duas vezes: quando fui secretária e quando fui representante de área, que também me encanta muito participar e organizar os GTs [Grupos de trabalho] no Brasil, nessa área de partidos e sistemas partidários. Tentei reconstruir o lugar dessa área no país, porque ela ficou parada certo tempo. Depois da D'Alva na coordenação desse GT, a área ficou um pouco esvaziada e eu e a Luciana Veiga começamos organizando os GTs, a estruturação do campo tanto na ABCP, quanto na Anpocs [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais] e cresceu muito. Saí da ABCP, enquanto cargo de direção, e voltei dois anos depois como organizadora do GT só da ABCP. Saí da Anpocs também, passei acho que duas gestões.

CA: *Você casou quando?*

MSSB: Final de 1992, quando saí da graduação para fazer a pós em São Paulo. Me casei e vim para São Paulo.

CA: *Se casou antes de ir para São Paulo?*

MSSB: Meu atual marido veio para São Paulo primeiro, ficou dois anos aqui. Havia uma crise econômica horrorosa no Rio de Janeiro, ele não conseguia trabalho nenhum, por isso veio primeiro e fomos montando tudo aqui. Deixei a escola que dava aula depois de fechar o semestre, eu dava aula para duas turmas de maternal, manhã e tarde, e fazia graduação à noite. Foi pesado e impressionante: acabei a graduação, fechei as duas turmas e vim fazer pós. Na verdade, me casei em maio, mas para não largar tudo pela metade, só vim no final do ano. Durante aquele período fui vindo aos poucos para São Paulo. Outros finais de semana o meu marido ia para o Rio e voltava. Fiquei nessa ponte aérea durante o ano todo para fechar tudo direitinho. No final do ano, vim para São Paulo de vez, e raramente voltei ao Rio.

CA: *E você teve a sua filha no doutorado?*

MSSB: Exatamente, durante o doutorado. Terminei todos os créditos em menos de um ano. Como foram o mestrado e o doutorado no mesmo lugar, já tinha feito a maior parte das disciplinas, no primeiro ano já tinha terminado tudo.

CA: *E como foi a experiência de ter uma filha nesse período de formação?*

MSSB: Foi um susto assim que soube, mas depois as questões foram se arranjando. Sei que é complicado, para muitas pessoas, fazer a relação. Claro que tira um tempo. Em um primeiro

momento, havia uma pressão muito forte, mas no final das contas deu tudo certo. Já havia passado pela fase de ir à universidade quase todos os dias, o restante do curso era para ficar em casa mesmo, só que iria ficar lendo, estruturando a pesquisa, até porque trabalhava com muitos dados, tinha que montar um banco enorme e ficar horas no computador. Obviamente, nos primeiros três meses do nascimento da minha filha foi um caos, você não faz mais nada cuidando do bebê. Com isso, tive que delegar para outros, tive que pagar um bolsista para me ajudar nessa base dos dados para que não me atrasasse em nada futuramente. Trabalhei até três semanas antes de ter minha filha, e já havia me organizado para que essa pessoa fosse montando o que parei de fazer. Quando voltei, o banco já estava praticamente todo processado, era só cruzar e analisar. Ou seja, não foi um problema. E a Gabriela foi uma criança bastante tranquila, deu para conciliar essa coisa da noite de sono muito bem. No final, terminei em quatro anos certinho.

CA: *E o marido ajudava, entendia dessas coisas? Da carreira?*

MSSB: Ah, claro, e isso ajudou bastante. Nunca foi um problema, porque ele é jornalista, lida com edição de livros, o que nos aproxima da temática e dos horários de trabalho, e me ajudava muito nessa coisa de dividir tarefas. Claro que por ele trabalhar de oito da manhã até cinco da tarde, eu fazia muita coisa em casa durante o dia. Mas de noite, por exemplo, se a Gabriela acordasse, ele ficava lá com ela. Ele me ajudou bastante com ela, é uma pessoa que colabora muito até hoje. Sempre me deu muita força para estudar e trabalhar, desde que nos conhecemos; discute muitos temas comuns, afinal tem uma relação muito grande do que ele faz com o que faço, então há muita sintonia.

CA: *Facilita entender também. E hoje vocês estão em São Carlos, está de vez morando em São Carlos?*

MSSB: Não, ainda não. Quando vim para São Paulo, fiquei na capital e estou até hoje, porque a vida cultural daqui é fantástica, viajar para o exterior daqui é muito tranquilo e por aí vai. Para São Carlos estou vindo aos poucos. Primeiro morei em república, depois em hotel, na casa de colegas e hoje, há uns cinco ou seis anos, comprei um terreno e estou construindo uma casa. Mas tenho ficado cada vez mais em São Carlos. Estou essa semana inteira aqui, por exemplo. Quando a universidade e o departamento têm atividades que exigem maior presença, fico aqui de quinze a vinte dias direto; senão, ainda fico indo e voltando. Venho toda segunda e volto quarta-feira, nos períodos mais tranquilos.

CA: *Continua viajando, então.*

MSSB: Continuo e essa viagem é muito cansativa. Por isso penso que, quando arrumar mais minha casa, devo vir morar por aqui.

CA: *E essa relação da vida privada e da atuação profissional? Você relatou bastante a questão do campo ser de muita disputa, acho que internamente e em relação à questão de homens e mulheres também. Você vê que esta relação da vida privada com a atuação profissional se dá de maneira semelhante com os nossos colegas homens, ou acha que tem um problema de gênero sim?*

MSSB: Vejo que varia bastante. Tem alguns colegas que sim, que penso que subestimam. Pode ser só impressão, não há nada cientificamente sobre isso, mas, de certa forma, tentam disputar o campo e subestimam certas questões que já desenvolvemos, já trabalhamos. E outras vezes, ao contrário, vejo que há colegas masculinos que são mais competitivos. Mas isso é muito individualizado, acho que a disputa se dá, muitas vezes, mais no campo feminino, ou seja, mulheres com mulheres, do que com outros homens, que, às vezes, são muito mais colaborativos. Para falar

sobre minha experiência, do ponto de vista da minha trajetória, se for olhar para trás e pesar na balança, a disputa foi muito maior entre mulheres do que entre homens e mulheres.

CA: *A disputa no campo?*

MSSB: É, a disputa no campo e a disputa aqui mesmo dentro da universidade. Tenho uma carreira mais para fora da UFSCar e isso me dá uma projeção nacional e até em outros países. Outros colegas aqui não têm, ou preferiram outros objetivos de vida. E isso não deixa de ser, muitas vezes, um divisor de águas que leva a conflitos e mal entendidos que não precisavam ocorrer. Ou pessoas que recorrem às questões pessoais para te atingir diretamente, quando, na verdade, poderiam ser resolvidas por um lado mais profissional.

CA: *E você atribui essas disputas a quê? Entre as mulheres, por exemplo.*

MSSB: Penso que, entre as mulheres, tem mais a ver com o quanto algumas se subestimam diante das outras. É uma disputa? Não sei se é uma disputa, mas algo "como essa pessoa consegue produzir tudo isso?", "Consegue orientar todos esses alunos, como?". Mas, para isso, recorro ao que aprendi com a D'Alva e trabalho muito em grupo. Nosso núcleo de estudos é superimportante nessa dinâmica de trabalho, fazemos muitas coisas no mesmo período. Ele existe desde 2006, está no CNPq e tem ramificações com a Espanha e com três universidades do Brasil, cresceu muito. Talvez, tudo isso faça com que as pessoas fiquem se perguntando "como ela consegue se é casada, tem filha, mora em outra cidade e ainda consegue manter regularidade em suas publicações?". Hoje, estou orientando onze alunos!

CA: *De graduação até doutorado?*

MSSB: De graduação até doutorado: cinco na graduação, um no mestrado e cinco no doutorado. Nunca tenho menos que isso, é uma alta procura – o que leva outras pessoas a terem esse tipo de comportamento comigo. A disputa se dá, às vezes, mais por área com alguns colegas do mesmo campo intelectual, porque tem disputa por bolsa e outros recursos escassos, mas nada exagerado. O Brasil é um grande laboratório para estudos, a meu ver tem espaço para todos.

CA: *E você atribui esse seu sucesso a quê, disciplina, persistência?*

MSSB: Sim, acho que é um conjunto de fatores. Tem persistência, tem um pouco de entrega, de acreditar que para ser um bom profissional e se destacar, colaborar para que os alunos tenham uma relação mais próxima e também produtiva – do ponto de vista do que eles querem – é preciso estar mais presente, sinto isso, e, ao mesmo tempo, você colaborar com o campo, com a área de Ciência Política, colaborar com outros colegas. Por isso essas parcerias com outras universidades, como a USP, a Unesp [Universidade Estadual Paulista] e a Unicamp [Universidade Estadual de Campinas] , mas também com colegas de outros países, por isso o núcleo ser de Estudos de Partidos Latino-Americanos. Essa tentativa de fazer ponte com outros países tem a ver com essa minha vontade – desde a graduação, quando optei por fazer Ciências Sociais – de estudar e participar mais da vida política do país. Essa capacidade foi se ampliando e, hoje, tem ramificações seja naquilo que desenvolvo com os alunos, seja naquilo que analiso nos artigos, seja estar participando das diferentes entidades, desde a ABCP, a Anpocs ou mesmo a Ipsa [*International Political Science Association*]. Para atingir esses objetivos, foram exigidos muita disciplina, muito estudo e muita dedicação.

CA: *E você percebe que os alunos, em geral, se relacionam diferente contigo por ser mulher, ou diferente contigo do que com os colegas, ou não?*

MSSB: Penso que essa relação entre aluno e professor é construída desde a sala de aula, mas também envolve as outras atividades de orientação. Não percebo que haja diferença nessa relação por eu ser mulher. Parece-me que o que faz a diferença é a forma como recebo e atuo no dia a dia com esses alunos. Acredito que o fato de realizar parcerias com outros grupos para realizar eventos, organizar os GTs da área e manter um trabalho constante acompanhando o trabalho individual de cada aluno segundo os seus interesses de estudo favorece muito o trabalho acadêmico.

CA: *Agora, bem especificamente, já no último bloco de ideias, que é sobre a sua condição de mulher na Ciência Política e sua avaliação sobre o campo da disciplina no país, como você avalia esses caminhos da academia, da Ciência Política nas últimas décadas, em relação às virtudes, dos limites do campo, em relação ao desenvolvimento mesmo da disciplina.*

MSSB: Avalio que a Ciência Política se desenvolveu muito ao longo desses últimos trinta anos, pensando desde a Constituição para cá, que é quando cresce cada vez mais e se institucionalizou no Brasil. É muito positivo o que vem acontecendo com a Ciência Política no Brasil no que se refere à pluralidade de teorias e dos avanços metodológicos que já foram incorporados aos programas de pós-graduação. Mas é importante salientar que ainda existem problemas para resolvermos, entre os quais vejo que temos certas áreas de estudo menos desenvolvidas como os estudos de gênero, de segurança pública, das políticas públicas em geral e de política comparada. Essa última área cresceu muito pouco ainda, quase não temos estudos envolvendo países da América Latina. Lembro que os GTs na ABCP ficavam mais esvaziados ou nem existiam em alguns desses temas. Importante salientar que já existem esforços para melhorar a situação desses campos de estudo e que já estão colaborando para termos agendas de pesquisa bem mais robustas quando comparadas a de décadas atrás. Outro problema sério da área é a sua alta concentração de cursos de pós na região sudeste do país. Para a área se desenvolver mais, terá que ampliar sua abrangência tanto em termos de temáticas quanto em termos geográficos.

CA: *Os GTs da ABCP?*

MSSB: É, da ABCP. Na Anpocs não era muito diferente, mas por ser mais abrangente, envolver várias áreas, parece que tem um número maior.

CA: *Mas, mesmo assim, a Anpocs tem um GT ou dois. Um sobre subjetividade, uma coisa assim...*

MSSB: Esse é um campo que precisa ser mais desenvolvido, que precisa ser mais comparado com as realidades latino-americanas e alhures. Aliás, várias áreas, no caso do Brasil – e acho que é um dos nossos grandes tendões de Aquiles –, não tem, justamente, estudos comparativos com a nossa região. Os estudos aqui são bem mais influenciados pelos autores europeus e estadunidenses. Em uma das pesquisas que estou desenvolvendo, um dos objetivos é, exatamente, verificar como se deu a formação e desenvolvimento das forças político partidárias em cada país nessa última quadra democrática, visando identificar quais as trajetórias dos grupos conservadores e progressistas em cada nação. Nesse estudo, estou buscando também identificar quais são as influências teóricas e metodológicas dos estudiosos desses países. É curioso que, até hoje, nós não temos teorias latino-americanas na Ciência Política para pensarmos nossa região e nossos objetos de estudo. Mas essa pesquisa comparativa está me ajudando a conhecer muitos estudiosos dos mesmos objetos e seus métodos e teorias. Começamos a estudar "o giro à esquerda" na Bolívia, Brasil, Chile e Venezuela e agora "o giro à direita".

CA: *Uruguai?*

MSSB: O Uruguai não entrou na minha amostra por razões metodológicas, mas também por conta da trajetória da esquerda nesse país, cujas particularidades levaram seus atores a formação da Frente Ampla. Mas tenho lido muito sobre a experiência uruguaia e equatoriana também justamente para acompanhar o processo da esquerda nesses países. Assim vou buscando comparar essas dinâmicas políticas e, por esse método, vou tentando ampliar o conhecimento desses objetos de estudo. O método comparado contribui para termos outras perspectivas sobre a experiência brasileira. Por exemplo, o movimento de mulheres na Bolívia é muito forte. Tem uma história e influenciou muito esse giro à esquerda naquele país; já aqui, no Chile e na Venezuela não tiveram o mesmo protagonismo.

CA: *Você acha que a nossa dificuldade de ampliar as análises em perspectiva comparada, principalmente na América Latina, tem a ver com a nossa origem de uma Ciência Política fortemente influenciada pelas teorias americanas?*

MSSB: Sim, pode ter a ver com essa influência, mas há vários outros fatores. Um desses aspectos está relacionado com o acesso e conhecimento desses países. Poucos estudiosos brasileiros se aventuraram de fato a comparar o Brasil com outros países. É muito mais complicado mesmo e trabalhoso realizar análises comparativas. Requer mais tempo e recursos variados para realizarmos esse tipo de análise. Temos que ler muito mais sobre cada contexto, se possível ir ao país, pois em cada um há uma bibliografia local que nem sempre chega aqui. Culturalmente aprendemos muito em cada viagem dessas também.

CA: *Nessa linha mesmo, como você acha que a sua trajetória individual, seja como professora ou pesquisadora, se situa nesse quadro de desenvolvimento da Ciência Política no Brasil?*

MSSB: A minha trajetória acadêmica está baseada na continuidade e aprofundamento de estudos sobre os partidos e o sistema partidário. O estado da arte dessa área clássica da Ciência Política tem crescido muito nessa última quadra democrática, o contexto de relativa estabilidade política dos últimos trinta anos contribuiu muito para isso. Em minhas pesquisas, busquei e busco contribuir para o desenvolvimento dessa área em primeiro lugar, ao identificar as especificidades e características de funcionamento dos nossos partidos, seja internamente, seja na competição político-eleitoral. Ao demonstrar como são, como distribuem o poder intrapartidário e como se relacionam nas arenas eleitorais e governativas reforcei e ampliei nosso conhecimento sobre nossos partidos políticos. Questionei, assim, estudos tradicionais que advogaram e até hoje ainda defendem a existência de um subdesenvolvimento partidário. Em segundo lugar, ao contrário desses estudos pessimistas sobre o desempenho da nossa democracia, construir uma trajetória me aproximando daqueles estudos mais otimistas sobre o desenvolvimento do nosso sistema político. Para isso, busquei entender, com outras abordagens teóricas e metodológicas, como os nossos partidos funcionam, qual é a sua estrutura organizacional espacial pelo país, qual é o perfil da classe política que estão elegendo, como selecionam seus dirigentes internos e os quadros eletivos, qual é o seu papel na sociedade e como estruturaram o voto. Enfim, demonstrar que temos partidos políticos e como eles importam para a democracia liberal que construímos foi uma das contribuições. Em terceiro lugar, outro esforço importante foi buscar reforçar as teses que defendem que temos um sistema partidário nacional e, assim, um objeto de estudo. Ou seja, o sistema partidário como uma variável dependente, diferentemente daquelas que veem o regionalismo tendo impacto forte na configuração partidária, o que dificultaria a dinâmica sistêmica. Para isso, analisei as eleições nacionais no nível local, identificando os padrões de competição política nos municípios. E, mais

recentemente, minhas pesquisas se voltaram para analisar os governos de esquerda na América Latina, com as quais busco contribuir com o desenvolvimento da Ciência Política no campo da política comparada e na ampliação do conhecimento sobre os nossos vizinhos. O principal objetivo destas pesquisas é investigar os efeitos dos governos de esquerda no Brasil de 2003 a 2010, no Chile de 2000 a 2010, na Bolívia de 2006 a 2010 e na Venezuela de 1999 a 2010 sobre a qualidade da democracia nesses países. As perguntas que guiam essa investigação são: após anos de reformas liberalizantes e governos de centro e direita, as administrações de esquerda trouxeram avanços para a democracia nos seus países e redimensionaram a relação de seus cidadãos com o regime democrático? Os diferentes tipos de governos de esquerda na região exerceram impactos distintos sobre a qualidade da democracia em seus países? Quais fatores estão relacionados ao declínio dessas forças em anos mais recentes? Quais as consequências dessas mudanças na correlação de forças para a sustentação do sistema partidário brasileiro e chileno?

CA: *Você acha que conseguimos prever 2018?*

MSSB: Para certa parte da literatura sim, para outra nem tanto. Por exemplo, para alguns cientistas políticos que tinham uma visão já muito pessimista em relação às instituições, ao próprio sistema partidário, penso que essa literatura nunca acreditou que tivéssemos mudado, que estivéssemos com um sistema partidário mais consolidado. O argumento prevalecente era o daquele do subdesenvolvimento, dificuldade com muitos partidos e isso levaria à fragmentação das preferências, logo a um grau maior de instabilidade. E isso também dificultaria, segundo essa perspectiva, a governabilidade. Ou seja, as instituições não estariam consolidadas; nossa classe política também não teria mudado, não teria uma visão tão republicana da distribuição dos bens públicos e isso tudo, consequentemente, se somaria para explicar todo esse revertério nos resultados eleitorais de 2018, atingindo sobremaneira os partidos mais antigos do sistema político. De certa forma, a tese defendida por essa literatura não está tão distante do que aconteceu, mas resta sabermos quais serão os desdobramentos desses resultados para a continuidade ou não do atual quadro partidário. Para a perspectiva analítica que me filio, o sistema partidário, apesar da crise que estamos vivendo desde 2013, cujo ápice foram as eleições de 2018, os partidos vão continuar funcionando. Os mais afetados eleitoralmente e, consequentemente, em termos representativos, vão se reorganizar e o sistema partidário vai continuar funcionando. É previsível que esse processo de acomodação leve algum tempo, pois estamos no turbilhão de uma alternância de grupos políticos muito diferentes ideologicamente, mas dado o grau de estruturação dos maiores partidos já alcançado, da para prever que se sustentarão. É uma mudança muito forte, mas eles não deixarão de existir, buscarão se adaptar ao contexto em que serão novamente oposição, em alguns casos. Em outros, os partidos mais fisiológicos, buscarão fazer as aproximações necessárias para se manterem nas esferas de poder.

CA: *Só para fechar, me ocorreu uma coisa que não queria terminar sem perguntar. Quanto à questão da relação das mulheres com o campo e com os temas de pesquisa, você acha que na Ciência Política existe alguma taxação de que tal tema é para as mulheres, tal tema não é para as mulheres?*

MSSB: Pode até ser que haja, mas nunca vivi algo parecido e nunca tive essa sensação em relação aos colegas, ou que alguém tenha percebido isso em relação a temas específicos. Em discussões com colegas e familiares que não são da área, já ouvi comentários de que a Ciência Política seria um universo muito mais masculino e chegaram a me perguntar se isso não atrapalharia o campo. Agora estou tentando me recordar de alguma experiência que marcasse... Enquanto você falava, fiquei pensando: será que o tema militar, por exemplo, está mais ligado ao campo masculino? Não tenho certeza, é um campo que leio muito pouco. Não tenho nada muito apurado para dizer que há temas,

podemos dizer que, talvez, alguns temas as mulheres tenham maior preferência. Vejo que há muitas mulheres no meu campo de partidos, eleições, talvez porque eu conheça mais, não sei. Em políticas públicas, vemos que há um número maior de mulheres. Mas não existe isso de ter um campo só feminino, mesmo os estudos de gênero possuem um ou outro homem. Mas não tenho certeza, estou falando algo muito intuitivo.

CA: *Mas é mais para um livre pensar mesmo.*

MSSB: Porque, de fato, nunca foi uma preocupação de pesquisa verificar quantas mulheres estão no mesmo campo profissional. Mas nos eventos da área, se não me engano, os percentuais de participação em suas várias modalidades revelam que a representação feminina cresceu, mas os homens continuam em maioria.

CA: *Por que será? Mesmo que não observemos, por exemplo, essa diferenciação interna tão grande, temos essa ideia que é mais masculino. Por que será?*

MSSB: Talvez por isso mesmo, ou seja, deve ter mais homens nessa área. E deve variar muito a presença das mulheres pelas temáticas, até por preferências pessoais. Precisamos desenvolver mais pesquisas nesse campo para identificarmos as razões da Ciência Política ser ainda associada ao universo masculino, tenho para mim que essa percepção está mudando.

CA: *Você tem alguma coisa que queira fazer, alguma consideração, alguma fala, alguma observação?*

MSSB: Penso que é importante que houvesse mais estudos verificando os padrões de ascensão na carreira por gênero de um campo como a Ciência Política e o papel das agências de fomento nessa trajetória, tendo em vista certas particularidades do campo, conforme falamos aqui. Ou seja, trata-se de uma área do conhecimento com alta concentração geográfica dos principais cursos de pós, com poucas agências de fomento e, normalmente, controladas por grupos e/ou lideranças que se revezam nos cargos, havendo baixa ou quase nenhuma renovação.

CA: *Esse grupo que está à frente da ABCP deve ter mais condições e interesse de desenvolver algo por aí, não é?*

MSSB: Com certeza! Essa gestão que tem maioria de mulheres pode deixar importante contribuição nesse quesito e em outros que já falamos acima. Essa proposta daqui já será um excelente avanço. Achei ótima a ideia. Quero parabenizar as mulheres que se colocaram à frente desta proposta e a você pela entrevista. Como veremos, este livro com esses depoimentos se constituirá em relevante iniciativa para a história e memória da Ciência Política brasileira.

CA: *Bom falar contigo.*

MSSB: Foi ótimo! Forte abraço.